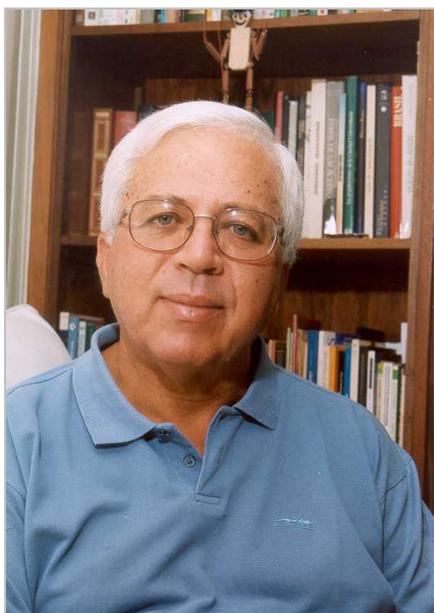


Entrevista

Comunicação para o desenvolvimento regional



Prof. Dr. José Marques de Melo

Por Cidival Morais de Sousa

O diretor da Cátedra Unesco/Methodista de Comunicação e Desenvolvimento Regional, Prof. Dr. José Marques de Melo, foi o primeiro a defender uma tese de doutorado no Brasil sobre Comunicação, há mais de 30 anos. Foi um dos fundadores da escola de Comunicação e Artes da USP, da qual foi diretor por vários anos, e, mais recentemente, atendendo convite da Unesco, assumiu a Cátedra de Comunicação para o desenvolvimento Regional, com sede instalada na Universidade Metodista de São Paulo. Nesta entrevista o professor Marques de Melo discorre sobre o preconceito que, segundo ele,

impede a Comunicação Regional de aparecer com mais frequência nas agendas da pesquisa comunicacional; faz algumas ressalvas sobre o que ele chama de caráter elitista da mídia (a mídia longe da cultura popular); alerta para a necessidade de se preservar a liberdade de expressão como garantia de aprofundamento da democracia; e pontua que a principal contribuição da mídia para o desenvolvimento regional deve ser “a difusão ampla das desigualdades regionais, suscitando o interesse dos gestores públicos pela busca de métodos apropriados para superá-las”.

Leia a íntegra da Entrevista

RBGDR - *Que avaliação o senhor faz da pesquisa em comunicação regional no Brasil?*

JMM – Trata-se de objeto ainda pouco explorado em nosso país. Tenho a impressão de que os pesquisadores da área cultivam certo preconceito a propósito do fenômeno e conseqüentemente o relegam a plano secundário na agenda investigativa. Felizmente o panorama começa a mudar. Universidades como a UNITAU e a UMESP começam a valorizar tais estudos, estimulando projetos e apoiando publicações.

RBGDR - *Que preocupações e tendências a pesquisa em comunicação regional tem agendado?*

JMM – Os principais estudos são de caráter histórico, resgatando a memória de jornais e jornalistas. Uma nova tendência é a que focaliza a relação entre regional e global.

RBGDR - *Já se pode falar, pela produção que o senhor conhece e acompanha em uma “escola brasileira” (ou “escolas”) de estudo em comunicação regional?*

JMM – Acredito que ainda não existe um modo brasileiro de produzir conhecimento sobre comunicação ou sobre a comunicação regional. As ousadias de pioneiros como Carlos Rizzini, Luiz Beltrão ou Danton Jobim não repercutiram nas novas gerações. Predominam, ainda, os paradigmas importados. Nas décadas de 70-80 houve sintonia forte entre os pesquisadores brasileiros e a Escola Latino-Americana de Comunicação. Mas essa tendência foi sendo paulatinamente sufocada pelos modismos forâneos. É possível que as gerações emergentes neste início de século possam trilhar caminhos investigativos consentâneos com o ethos brasileiro.

RBGDR - *As contribuições são mais significativas no campo da teoria ou da metodologia? Algum destaque específico?*

JMM – As contribuições principais situam-se, a meu ver, no terreno histórico-descritivo. Sem pretender exclusivismo referencial, não posso deixar de mencionar o esforço que vem sendo feito pela Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional no sentido de construir o conceito de região midiática. O livro que estamos lançando, em parceria com a UNITAU, constitui uma evidência dessa tentativa. Merece também destaque a iniciativa do Grupo de Pesquisa sobre Comunicação Regional e Global, liderado

pela Profa. Dra. Anamaria Fadul (UMESP) no sentido de mapear as empresas midiáticas de natureza regional no território brasileiro.

RBGDR - *Nesse contexto, qual tem sido o papel da Cátedra Unesco?*

JMM – O papel da Cátedra UNESCO/Metodista tem sido o de agendar as questões da mídia regional na academia. A geração desse conhecimento novo começa a circular no país e a suscitar interesse e reprodução, especialmente através do “Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional”.

RBGDR - *Quais são os maiores desafios que a Cátedra tem enfrentado para estimular esse tipo de pesquisa?*

JMM - O maior desafio tem sido o desinteresse pelas questões locais ou regionais no âmbito da universidade brasileira. Infelizmente cultivamos anos a fio aquele tipo de “complexo de colonizado” e concentramos os holofotes cognitivos nos fenômenos que ocorrem “além mar” ou nos “centros metropolitanos”. Isso acarreta inevitavelmente a escassez de recursos para temas de pesquisa não unguídos pelas “vanguardas” intelectuais.

RBGDR - *Quais são os projetos mais importantes da Cátedra?*

JMM – Tenho a impressão de que os projetos mais importantes foram as pesquisas que realizamos em redes, contando com a participação de pesquisadores de diferentes regiões. Refiro-me aos estudos sobre as imagens midiáticas do Natal, do Carnaval e das Festas Populares do Brasil, bem como sobre a presença do Mercosul no noticiário dos jornais do Mercosul. Destaco, também, a série “Memória das Ciências da Comunicação”, identificando figuras emblemáticas do Centro-Oeste, Rio Grande do Sul e São Paulo. Contudo, o nosso projeto mais ambicioso é a Enciclopédia do Pensamento Comunicacional na América Latina, em processo de sedimentação metodológica, sob a liderança da Profa. Dra. Maria Cristina Gobbi.

RBGDR - *De um modo geral, olhando para o futuro o que o senhor enxerga em termos de comunicação?*

JMM – Antevejo um futuro caracterizado por mudanças tecnológicas que vão agilizar o papel da mídia, embora persistam os receios de seu controle por parte do Estado. Preservar o regime da liberdade de expressão constitui a garantia do sistema democrático.

RBGDR - *Que tipo de contribuição o senhor acha que a comunicação pode dar para reduzir, por exemplo, as desigualdades regionais?*

JMM – A principal contribuição deve ser a difusão ampla dessas desigualdades regionais, suscitando o interesse dos gestores públicos pela busca de métodos apropriados para superá-las.

RBGDR - *Como o senhor avalia o diálogo interdisciplinar (no nosso caso, por exemplo, os estudos sobre comunicação regional estão num programa de mestrado em gestão e desenvolvimento regional)?*

JMM – O diálogo interdisciplinar é sempre desejável, mas para que ele se realize plenamente é indispensável a empatia de ambas as partes dialogantes. Isso significa dizer que uma disciplina não pode se sobrepôr em relação às outras no processo de construção do conhecimento.

RBGDR - *O que a comunicação midiática precisa melhorar para enfrentar, com qualidade, as demandas deste século XXI?*

JMM – Ela carece de projeto estratégico, calcado em diagnósticos situacionais e em pesquisas sobre as aspirações dos que se localizam no pólo receptor. A nossa mídia permanece ainda muito elitista, desdenhando a cultura popular, e, portanto, deixando de protagonizar o papel educativo que lhe compete numa sociedade constituída por contingentes expressivos de analfabetos funcionais ou segmentos desescolarizados.